ELEIÇÃO NOS EUA

Votação antecipada alcança recorde

Quase 48 milhões dos 174 milhões de eleitores registrados enviaram suas cédulas eleitorais ou votaram pelo correio, uma participação considerada histórica. Para especialistas, número sinaliza rejeição ao presidente republicano Donald Trump

» RODRIGO CRAVEIRO

Dos 174 milhões de norte-americanos registrados para as eleições legislativas de meio de mandato (*midterm elections*), até esta sexta-feira, quase 48 milhões — 27,5% do total — tinham votado por antecipação pelo serviço postal ou presencialmente. O aumento foi mais visível em estados com disputas acirradas pelo Senado, onde 35 assentos estarão em disputa na próxima terça-feira. Também nessas regiões, o número de eleitores registrados como democratas crescia em relação aos republicanos. Além das 35 cadeiras do Senado, todos os 435 assentos da Câmara dos Representantes serão renovados. Entre os norte-americanos que votaram antes do pleito de 3 de novembro, está o papa Leão XIV, que enviou a cédula eleitoral pelo correio.

De acordo com o Election Lab da Universidade da Flórida, por volta do meio-dia (13h em Brasília), 47.922.669 votos antecipados tinham sido registrados em todo o território americano, superando os 45,9 milhões registrados até a véspera das *midterms* de 2022. Nos estados em que os eleitores informam a filiação partidária, os democratas representam cerca de 44% dos eleitores antecipados, contra 31% dos republicanos e 25% daqueles que não informaram o partido que apoiam ou que votam por legendas minoritárias.

Anthony W. Pereira, diretor executivo do Centro para Estudos Latino-Americanos da Universidade de Tulane, em Nova Orleans, explicou ao **Correio** que os americanos estão ansiosos em votar antecipadamente neste ano, ante o receio de que Trump tente interferir na votação de 3 de novembro ou impedir a contagem de votos após o fechamento das urnas. "Durante a campanha, o presidente fez diversas declarações preocupantes, incluindo a de que desejava 'tomar controle' das eleições e a de que os republicanos deveriam 'trapacear'. Algumas pessoas também temem que agentes do ICE (Serviço de Imigração e Alfândega) e da Patrulha da Fronteira sejam mobilizados no dia da eleição para criar um clima de medo", afirmou. "Além disso, há cidadãos que trabalham na administração eleitoral local que apoiam Trump e sua alegação de vitória nas eleições de 2020, e que poderiam se recusar a certificar os resultados. Diante de toda essa incerteza, muitos americanos votaram antecipadamente."

Segundo Pereira, uma pesquisa recente constatou que 56% dos eleitores registrados afirmaram estar em uma situação financeira pior durante o governo Trump. Outro levantamento, de abrangência nacional, revelou que 69% dos eleitores registrados estavam "muito" ou "um pouco" preocupados com "corrupção, favorecimento pessoal ou conflitos de interesses" na atual administração. "Em sua campanha de 2024, Trump prometeu reduzir os preços, tornar o custo de vida mais acessível e evitar guerras. Ele não cumpriu nenhuma dessas promessas, e muitas pessoas nos Estados Unidos estão irritadas com isso."

Professor da American University (em Washington), Allan Lichtman acredita que os números divulgados pelo Election Lab da Universidade da Flórida representam uma mensagem ruim para o presidente americano. "O número recorde de votos por correio e antecipados é um péssimo sinal para os republicanos de Donald Trump. Os democratas tendem a predominar nessas modalidades de votação. Portanto, quanto maior o número de votos, maior a vantagem democrata", explicou ao **Correio**. "Esses resultados mostram a influência tóxica do governo Trump."

Jeff Kowalsky/AFP



Funcionários eleitorais processam votos por correspondência de moradores de Detroit, Michigan

Toxicidade

Para Lichtman, os resultados divulgados ontem, a quatro dias das eleições, mostram a "influência tóxica" do governo Trump. "Quando um índice de aprovação de um presidente está tão baixo quanto o de Trump, o partido que ocupa a Casa Branca perde, em média, cerca de 40 cadeiras na Câmara dos Representantes e seis cadeiras no Senado dos EUA. Isso não é uma previsão; trata-se de uma média, mas que ilustra as dificuldades que os republicanos enfrentam este ano."

Por sua vez, o brasileiro Andre Pagliarini — professor de história e estudos internacionais na Universidade Estadual de Louisiana — lembrou à reportagem que a aprovação de Trump está "muito baixa". "Votar por antecipação é sinal de engajamento e de entusiasmo. Devemos entender essa votação como uma confirmação preliminar daquilo que todo mundo espera: uma reação maciça contra o governo", admitiu.

POLÔNIA

Direita acusa governo Tusk de golpe

A madrugada de sábado foi de tensão e impasse em Varsóvia, depois da suspensão do presidente do Tribunal Constitucional, Bogdan Swieczkowski, e de seu vice, Bartlomiej Sochanski. A direita nacionalista, responsável pela nomeação de ambos, acusou o governo de centro do premiê Donald Tusk de golpe de Estado. Até o fechamento desta edição, milhares de manifestantes estavam reunidos diante do prédio da Corte, em defesa dos juízes, respaldados pelo partido nacional-conservador Lei e Justiça (PiS, oposição). Policiais de choque se mobilizavam para impedir uma invasão do prédio, enquanto Tusk exigia que Swieczowski e Sochanski deixassem o local.

"Ocorreu uma tomada ilegal do site do Tribunal Constitucional", alega a conta da Corte na rede social X. "Todas as pessoas que participam destas ações cometem o crime de golpe de Estado." Outra publicação, no site da Corte, também denunciava um golpe e afirmava que Swieczkowski continuava no exercício de suas funções.

O presidente da República, o nacionalista Karol Nawrocki, interrompeu um voo com destino ao Senegal, retornou urgentemente à capital e foi visto em meio aos manifestantes, antes de forçar a própria entrada no prédio do Tribunal Constitucional.

Considerado pela União Europeia excessivamente dependente do poder político, o Tribunal Constitucional tem sido um dos principais pontos de discórdia entre Bruxelas e os nacionalistas. Desde que regressou ao poder, em 2023, Tusk, ex-presidente do Conselho Europeu, promete resolver a crise. Até agora, sem sucesso: o chefe de Estado tem bloqueado as indicações de seu governo para a Corte. "Restabelecer o Estado de Direito é nosso dever", declarou Tusk no X.

A juíza Anna Korwin-Piotrowska anunciou a suspensão das funções de Swieczkowski. O ministro da Justiça e procurador-geral anunciou, em entrevista coletiva, que solicitou o levantamento da imunidade de Swieczkowski e do vice, Sochanski. Para hoje, eram esperados, em Varsóvia, milhares de manifestantes do interior da Polônia, que se organizavam para proteger o Tribunal Constitucional.

Wojtek Radwanski/AFP



Tensão entre ativistas e polícia diante do Tribunal Constitucional

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
SILVIOQUEIROZ.BSB@GMAIL.COM

QUATRO DIREÇÕES NA BÚSSOLA EXTERNA

Uma semana depois de reeleito, em votação que a história política do país deverá registrar mais tarde, o presidente Lula começa a montar o governo para o quarto mandato e, naturalmente, esboça os rumos para a política externa nos próximos quatro anos. Até porque os movimentos iniciais sugerem alguns indicadores claros para a condução da pasta. Afora as escolhas para a chefia do Itamaraty e a assessoria internacional do Planalto, quatro pontos cardeais para a pasta já se afiguram como incontornáveis — e a tarefa pela frente é identificá-los, decifrar enigmas, traçar rumos e escolher nomes para executar a orientação adotada.

Quanto às coordenadas, é possível desde logo apontar quatro destinos, no âmbito dos pontos capitais da orientação seguida até aqui na frente externa. Pela ordem de proximidade, a Argentina: ao menos até o fim do próximo ano, o governo Lula 4 terá de conviver com Javier Milei, o governante que, tudo indica — e nada nega —, empenhará o próximo ano e as expectativas de eleição em uma relação tensa e conflitiva com o grande parceiro sul-americano. Em especial, projetando a imagem de aliado preferencial da Casa Branca na América do Sul.

Nas duas coordenadas geopolíticas mais próximas, o mapa sugere ao presidente reeleito uma abordagem assentada em cautela e paciência, já que a segunda, justamente em Washington, é outra direção principal: seja qual for o resultado das eleições legislativas, e salvo alguma surpresa, o presidente reeleito conviverá por dois anos com Donald Trump na Casa Branca. E com os irmãos Flávio e Eduardo Bolsonaro como hóspedes habilitados dos EUA, possivelmente incorporando a oposição de extrema-direita.

Uns ou outros

Mais distante no mapa, e em certa medida também na agenda do Planalto e do Itamaraty, ao menos no horizonte próximo, o Oriente Médio não deixa de ser outro ponto cardeal para a política externa, o terceiro. Ali, a definição de rumos passa pelo desfecho da novela eleitoral em Israel. A permanência no poder do premiê Benjamin Benjamin Netanyahu significa distanciamento: ao lado de Trump e Milei, ele está entre os poucos governantes que não felicitara, Lula pelo novo mandato, nem sequer manifestaram o reconhecimento protocolar do resultado proclamado pelo TSE há uma semana.

Até aqui, e desde o primeiro dia do terceiro mandato, Lula reafirmou o apoio histórico à causa palestina. Embora tenha condenado como terrorismo os ataques do Hamas em 7 de outubro de 2023, não se furtou a classificar como "genocídio" a resposta de Israel — da última vez, no discurso inaugural perante a Assembleia-Geral da ONU. Netanyahu briga com os números para tentar emplacar mais um mandato, depois das inconclusivas eleições da última terça-feira. Enquanto chefiar o governo israelense, as respectivas embaixadas devem permanecer sem titulares, e as relações bilaterais, no atual ponto-morto.

Nova ordem

Até pelo empenho dado ao tema nas últimas duas décadas, o quarto governo petista tem na construção da ordem mundial multipolar a quarta coordenada vital de política externa para os próximos quatro anos. Ela passa pela reforma da ONU e pela consolidação e ampliação do Brics. Mas tem um endereço incontornável, e ele é Pequim. Não por acaso, está lá há alguns anos a ex-presidente Dilma Rousseff, que hoje comanda, pelo segundo período consecutivo, o banco de desenvolvimento do bloco emergente.

Em seu quarto mandato, Lula estará desafiado a definir a posição do Brasil diante da Iniciativa Cinturão e Rota, a ambiciosa empreitada da China para reativar, em escala ampliada, a milenar Rota da Seda. Curiosamente, já aderiram a ela, formalmente, alguns dos vizinhos hoje governados pela direita. É o caso do Peru, que vem de inaugurar, em 2025, o porto de Shankai, no Pacífico, concebido para, inclusive, ser um dos terminais de uma ligação ferroviária com o litoral Atlântico do continente, cortando o centro-norte do país.

Escolha de Sofia

É na consideração desses fatores, e da conjuntura internacional complexa e perigosa na qual se inicia o novo mandato, que Lula fará suas escolhas para a política externa. Tem ao lado como assessor especial, desde 2023, o embaixador Celso Amorim, chanceler em seus dois primeiros mandatos. No terceiro, colocou à frente do Itamaraty Mauro Vieira, outro diplomata de longa carreira. Poderá mantê-lo nos próximos quatro anos, mas parece contemplar outras duas linhas de consideração.

Uma seria romper com a própria orientação e colocar um político à frente da pasta, escolha que não chega a ser uma extravagância. Antes de assumir a Fazenda, para depois se eleger presidente, Fernando Henqique Cardoso foi chanceler no governo de Itamar Franco, nos anos 1990. Outros nomes de fora da carreira diplomática ocuparam o cargo nas décadas anteriores.

No corpo próprio do Itamaraty, Lula tem, de saída, a manutenção do atual titular. Mas estaria considerando opções, entre nomes que tiveram posições de destaque nos últimos quatro anos. Um deles é o embaixador André Corrêa do Lago, 67 anos, que presidiu a COP-30, em Belém, no fim de 2025. Outro envolveria aposta em uma certa "transição geracional": Maurício Lyrio, 59 anos, foi o sherpa brasileiro no G20 de 2025, no Rio, e integrou a equipe que negociou com os EUA os tarifaços de Trump.